

A PONTE DAS PALAVRAS

MARIA ALBERTA MENÉRES

«NO BRANCO DO SUL AS CORES DOS LIVROS», o Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens que se realizou em Beja, durante os dias 20 e 21 de Fevereiro de 2003, foi para mim um dos momentos mais fecundos e emocionantes da minha vida de escritora: de certa maneira, difícil de descrever e de agradecer, especialmente no que diz respeito ao entendimento e abordagem à minha obra literária vocacionada para os mais novos!

— Neste momento, gostaria de deixar aqui algumas ideias que talvez tenham a ver com o que se pode chamar «A ponte das palavras».

Pois não foi Fernando Pessoa quem disse que «Não é a cultura senão o aperfeiçoamento da vida» — ?

Pela poesia, as crianças conseguem perceber o que parece difícil.

O que é o encontro da criança com a poesia?

O encontro consigo própria e o que vai começando a conhecer?

São os olhos primeiros, chegando ao sentido das coisas.

A primeira leitura do que sente. O que a faz rir e chorar.

O que vê e inventa. O que diz e não diz.

*A zanga. O sono à beira da noite.
 O tempo de brincar. O tempo de crescer.
 A descoberta das letras que afinal existem.
 E se juntam. E formam palavras que dizem coisas.
 Coisas que podem ser do lugar da poesia.
 Porque a poesia tem um lugar onde acontece
 e se pode ler devagarinho,
 como quem saboreia um gomo de laranja ao sol
 num banco de jardim,
 ou muito depressa, como quem não lê mas sabe
 que o vento, correndo, faz um frio bom
 nas faces da gente.*

O aperfeiçoamento da vida tem muito a ver com o que cada um de nós entender ou inventar que seja «a ponte das palavras» — essa espantosa possibilidade de comunicação com nós próprios e com os outros.

Numa época em que a invasão das linguagens cifradas é uma realidade quotidiana; o fascínio pelas escritas codificadas vive no dia-a-dia da comunicação entre tantos jovens; a oferta do conhecido serviço de pequenas mensagens SMS é uma tentação fácil; cada vez mais jovens passam um tempo considerável do seu tempo em conversas nos *chats*, conversas essas programadas por símbolos informáticos... é caso para perguntar onde se esconde ou onde é que ainda vive o tempo de pegar numa simples folha de papel em branco, num lápis ou numa vulgar caneta, e escrever «o mais correctamente possível» um simples texto em português, onde se jogue o pensamento e o coração?

Tudo tem o seu lugar próprio de aparecer e de acontecer e se o conhecimento e aplicação das novas técnicas de comunicação têm indiscutivelmente a sua utilidade e função, isso não quer dizer que tenhamos de aceitar as confusões que se estão a gerar no âmbito do respeito e amor à nossa Língua Portuguesa!

Nos últimos tempos, tem-me constado com alguma frequência que há professores que se queixam, preocupados com textos e exercícios que lhes chegam às mãos, escritos pelos alunos, em linguagem cifrada. Dou aqui, como exemplo, um de que tive conhecimento, escrito por um aluno que não se sentia muito bem de saúde para fazer determinado exercício, e que, usando uma linguagem cifrada «muito atabalhoada», tentou justificar-se... Ora apreciem:

*hj tou a passar o mesmo kontem, tou mt kente defebre
i n sei o ketenho, tou kon td esquecido. xeguei do
porto td bem i hj tou + pior i n poço escrever*

Não há paciência!!!

— Não será boa ideia recorrer, mais uma vez, ao Inter-câmbio das cartas escritas por alunos e entre alunos de várias terras e várias Escolas — sob a orientação de Professores, a fim de repor um pouco e um tanto do nosso tradicional modo de bem pensar e de bem escrever? Que é caso para estudo sério, isso é!

Uma das aventuras a que mais me atrevo é, de vez em quando, ir ver o que descubro entre vários escritos em papéis abandonados, sem dó nem piedade, ao longo dos anos... Acho que isto deve acontecer a todos os escritores!!! E foi há pouco tempo que reencontrei uma carta que escrevi à minha única neta, quando ela era muito pequenina. Vou deixá-la aqui, só porque me apetece de repente estar perto das coisas mais simples e naturais da vida, ou talvez oferecer-vos um breve momento da minha passagem natural «pela ponte das palavras»:

Minha querida neta

*Esta é a primeira carta que te escrevo. Que te escrevo com
papel e palavras e distância entre o que te digo e o que tu*

recebes de mim. Tu és ainda muito pequenina para entender a minha grande alegria de te escrever uma carta. As meninas de quase 3 anos, como tu, costumam rasgar os papéis que lhes chegam às mãos. Não faz mal. Uma carta também é isso: rasgar a distância e a saudade.

Sabes, Mariana? Às vezes é bom parar um bocadinho na vida para pensar melhor. Para saborear o que nos vai acontecendo como naquela vez em que estivemos as duas, tempos infinitos olhando uma fileira de formigas muito bem comportadas: pareciam todas iguais mas nós descobrimos que não eram.

Rio-me só de pensar como gostas das formigas e de todos os bichinhos daqui do campo. Foram tão bons os dias que passaste junto de mim, que nunca os esquecerei. Estou a dizer que nunca os esquecerei, mas já sei que os vou esquecer na próxima vez que vieres para aqui: porque novas aventuras vão certamente acontecer e eu tenho de me acostumar a não prender o tempo entre as minhas recordações.

Gostava muito que ficasses contente por receber esta minha carta e que te admirasses por a receber: «Uma carta da minha avó 1! O que é que ela terá escrito?!»

Tu ainda não sabes ler. Talvez a guardes muito bem guardada e um dia mais tarde a encontres como por acaso. Talvez então a leias devagarinho, como quem passeia por um caminho de ternura.

Olha, Mariana, vou contar-te novidades daqui. Lembras-te daquela galinha gorda que passava a vida muito bem sentada em cima dos ovos lá do ninho dela? Pois agora esses ovos já não se chamam ovos: chamam-se pintainhos amarelos.

Ontem choveu muito e a água da chuva formou pequeninos lagos ao pé da horta velha. Só queria que visses a alegria dos patos e patinhos a chapinhar na água! Para eles foi um dia formidável e acho que iam ficar mesmo muito admirados se ouvissem alguém dizer «Oh, que dia tão horrível de chuva!!!»

Sabes quem veio visitar-me há bocadinho? Foi o burro das cangalhas. Vinha vestido de cinzento, como sempre. Em cima das cangalhas já trazia os cântaros de barro cheios de água da fonte dos Marmeleiros. Foi bonito da sua parte, não foi?

Ah, é verdade! Já me esquecia de te dizer que os barulhos estão todos nos mesmos lugares: os grilos, na horta; as rãs, na albufeira; os gatos em cima do muro branco; os cães atrás das ovelhas; os cucos lá longe, em cima das árvores, e de noite uma coruja, ninguém sabe muito bem onde.

Sabes, Mariana? Tenho uma surpresa fantástica para ti: descobri um ouriço-cacheiro! Vi-o a sair de uma toca numa árvore e por isso já sei onde é que ele vive. Vou estudar a vida dos ouriços-cacheiros para perceber o que se passa com estes animais tão envergonhados! Uma coisa já eu aprendi: estão quase a hibernar. Quero eu dizer: a dormir durante o Inverno. Mas não penses que é só por preguiça... Tu ainda és muito pequenina para perceber como é bom dormir, no Inverno. Com o ouriço-cacheiro, não sei bem o que se passa, mas comigo sei muito bem, e digo-te que quando começa a escurecer, ao longo dos campos, também começa a escurecer um bocadinho dentro de mim. É quando me apetece mais escrever uma carta como esta.

Quando voltas a estar aqui mais uns dias comigo? Há um mundo à nossa espera. Tu poderás ensinar-me a ver tudo como se fosse a primeira vez, e eu poderei contar-te milhares de histórias novas e cada vez mais simples, cada vez mais perto do sentido e da beleza das coisas.

Um beijo muito grande da tua avó Alberta

